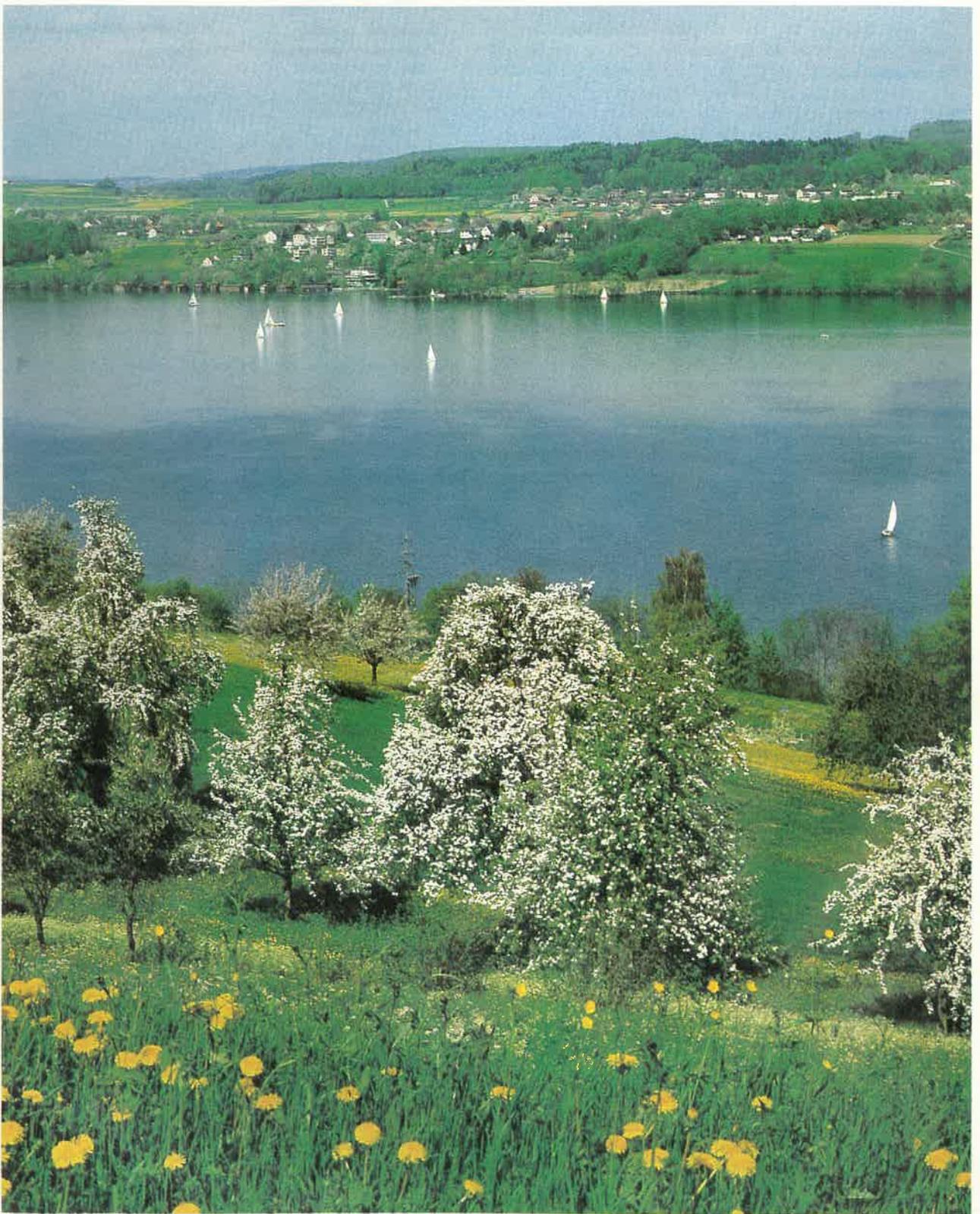


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Agosto/Setembro 1989



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Portaria n.º 465/89
de 24 de Junho

Manda o Governo, pelo Ministro Adjunto e da Juventude, nos termos do disposto no n.º 4 do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 91/87, de 27 de Fevereiro, e no uso da competência conferida pelo Despacho n.º 35/87, de 9 de Outubro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 241, de 20 de Outubro de 1987, o seguinte:

1.º É aprovado o modelo do boletim de inscrição de objector de consciência, em anexo à presente portaria e que dela faz parte integrante.

2.º É revogada a Portaria n.º 173/88, de 22 de Março.

Presidência do Conselho de Ministros.

Assinada em 8 de Junho de 1989.

O Ministro Adjunto e da Juventude, *António Fernando Couto dos Santos*.



BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE OBJECTOR DE CONSCIÊNCIA (*)

ATENÇÃO
ANTER DE PREENCHER, LEIA AS INSTRUÇÕES EM ANEXO

NÚMERO DO OBJECTOR

1 — NOME

2 — FILHO DE

E DE

3 — NATURAL DE

FREGUESIA	DATA NASCIMENTO/...../.....
CONCELHO		
DISTRITO		

4 — RESIDÊNCIA ACTUAL:

TELEF.

5 — ESTADO CIVIL

6 — BILHETE DE IDENTIDADE:

— NÚMERO

— DE / / VALIDADE: / /

— ARQUIVO DE IDENTIFICAÇÃO DE

7 — NÚMERO FISCAL CONTRIBUINTE

8 — CONTA BANCÁRIA: NÚMERO

9 — HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

10 — HABILITAÇÕES PROFISSIONAIS

11 — CARTA DE CONDUÇÃO DE / /

12 — PROFISSÃO

13 — ÁREAS PREFERENCIAIS DE ACTUAÇÃO

14

DATA: / /

ASSINATURA:

(*) A preencher no GRCDO no prazo de 30 dias após a recepção.

Sumário

- 2 Reprodução do Diário da República
- 3 Instituto de Evangelismo — Campanha de Evangelização do Porto
- 4 Jogos a Dinheiro e de Azar Documento
- 9 Colheita 90
- 10 «Envolvimento total na Colheita 90»
- 13 Música e Liturgia Por Luis Nunes
- 15 Campanha da Extensão Missionária — Grande Semana Projecto da Divisão Euro-Africana
- 16 Capítulo 6 de S. João — Breves notas Por Ilídio Carvalho
- 18 Cascais: Um Novo Templo Adventista Por Joel Curado
- 19 Um Grito de Coragem Por John Graz

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL
Agosto/Setembro de 1989
Ano L • N.º 511

DIRECTOR:
J. Morgado

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

INSTRUÇÕES

Preencha o impresso à máquina ou com letras maiúsculas de imprensa. Comece sempre a resposta a qualquer item no primeiro rectângulo. Escreva apenas uma letra em cada rectângulo. Deixe sempre um rectângulo em branco entre cada palavra. Não escreva nada nas zonas sombreadas.

No preenchimento dos itens a seguir discriminados deve observar o seguinte:

- De 1 a 3 — Proceder à correcção dos elementos errados.
- 7 — Preencher de acordo com o cartão de contribuinte.
- 8 — Indicar o número da conta bancária da Caixa Geral de Depósitos, tal como consta no rodapé dos cheques, para depósito das remunerações.
- 13 — Indique os números por ordem decrescente da sua preferência, de acordo com:
 - 01 — Assistência a hospitais e outros estabelecimentos de saúde.
 - 02 — Rastros de doenças e acções de defesa da saúde pública.
 - 03 — Luta contra o tabagismo, o alcoolismo e a droga.
 - 04 — Assistência a deficientes, crianças e idosos.
 - 05 — Prevenção e combate a incêndios e socorros a naufragos.
 - 06 — Assistência a populações sinistradas por cheias, terremotos e outras calamidades.
 - 07 — Primeiros socorros em caso de acidentes de viação ou que envolvam transportes colectivos.
 - 08 — Manutenção, repovoamento e conservação de parques, reservas naturais e outras áreas classificadas.
 - 09 — Manutenção e construção de estradas e caminhos de interesse local.
 - 10 — Protecção do meio ambiente e do património cultural e natural.
 - 11 — Colaboração nas acções de estatística civil.
 - 12 — Colaboração em acções de alfabetização e promoção cultural.
 - 13 — Outros.

INSTITUTO DE EVANGELISMO

Campanha de Evangelização do Porto

I. Instituto de Evangelismo	12 Setembro 26 Outubro	8h:30	Colégio de Oliveira do Douro
II. Concentração geral das igrejas da Área Norte	16 Setembro	10h:00 11h:10 15h:30	Escola Sabatina Culto Reunião Missionária

III. Acção nas igrejas	Agosto/ /Setembro	1. Cartões-resposta paga 2. Carteiros Missionários 3. A Bíblia Responde nos lares 4. Seminários de Daniel e Apocalipse 5. Planos de 5 Dias
-------------------------------	----------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

IV. Seminários de Daniel

17, 25 de Setembro; 1, 8, 15, 22 de Outubro	— <i>Ezequiel Quintino</i>
18, 26 de Setembro; 3, 10, 17, 24 de Outubro	— <i>Ilídio Carvalho</i>
19, 27 de Setembro; 4, 11, 19, 25 de Outubro	— <i>Sérgio Teixeira</i>
21, 29 de Setembro; 6, 13, 20 de Outubro	— <i>José Manuel de Matos</i>

V. PROGRAMA DE NUTRIÇÃO:

24 de Setembro; 1, 8, 15, 22 de Outubro	— <i>Rogério Nóbrega</i>
-----------------------------------------	--------------------------

IV. PLANOS DE 5 DIAS:

Canelas	10-16 de Setembro	— <i>José Mário Macedo</i> — <i>Ezequiel Quintino</i>
Matosinhos	17-23 de Setembro	— <i>José Manuel de Matos</i>
Porto (Bonfim)	10-15 de Setembro	— <i>Lúisa Castelo</i> — <i>António Luís Castelo</i>

VII. Plano de Conjunto — PORTO

(Salão de Ciências Biomédicas)

1. Plano de 5 Dias	11-16 de Setembro	— <i>Daniel Esteves</i>
2. <i>Stress</i>	18, 25 de Setembro; 2, 9, 16 Outubro	— <i>B. Thorp</i>
3. Nutrição	24 de Setembro; 1, 8, 15 Outubro	— <i>Rosalina</i>

VIII. Plano Conjunto — VILA NOVA DE GAIA

(Salão Norgrupo)

1. Plano de 5 Dias	10-16 de Setembro	
2. <i>Stress</i>	20, 27 de Setembro; 4, 11, 18 de Outubro	— <i>B. Thorp</i>
3. Nutrição	28 de Setembro; 5, 12, 19, 26 de Outubro	— <i>B. Thorp</i>

OUTUBRO

Sex. 27	— Descobertas Surpreendentes nas Cidades Perdidas dos Mortos
Sáb. 28	— O Nosso Universo Habitado
Ter. 31	— Porque Sofrem Pessoas Inocentes?

NOVEMBRO

Qua. 01	— Jerusalém: Esperança para uma Cidade Conturbada
Sex. 03	— Cidades Maravilhosas do Passado
Sáb. 04	— Visitantes de Outros Mundos
Ter. 07	— Como Obter Paz de Espírito e Libertação da Culpa
Sex. 10	— A Verdadeira Solução para a Guerra Nuclear, Poluição e Fome Mundial
Sáb. 11	— Uma Nova Era Começa...
Ter. 14	— Viver com Confiança Optimista
Sex. 17	— A Verdadeira Causa da Guerra, da Corrupção e da Licenciosidade
Sáb. 18	— Como Obter a Vitória sobre a Tentação e o Pecado
Ter. 21	— A Resposta Bíblica para o <i>Stress</i>
Sex. 24	— A Maior Camuflagem da História
Sáb. 25	— Jesus não o fez!... Fizeram-no os Apóstolos?
Ter. 28	— O Selo de Deus

DEZEMBRO

Sex. 01	— Acrescente Sete anos à Sua Vida
Sáb. 02	— O Segredo das Sessões Espiritas
Ter. 05	— O Movimento Religioso da Profecia para Hoje
Sex. 08	— Caminho para uma Nova Vida e um Futuro Feliz
Sáb. 09	— Porque Existem Tantas Religiões?
Ter. 12	— Sonhos, Visões e Profecias...
Sex. 15	— Os Mil Anos de Exílio de Satanás
Sáb. 16	— Como Será Realmente o Céu?

JOGOS A DINHEIRO E DE AZAR

A Assembleia da União, realizada em Lisboa, de 1 a 4 de Julho de 1987, votou que fosse preparado e publicado na *Revista Adventista* um documento sobre os jogos a dinheiros e de lotaria. Damos agora cumprimento a tal disposição, esperando que o estudo deste documento possa ser proveitoso à Igreja em Portugal.

I. Definição de jogos de dinheiro

O Webster's Third New International Dictionary, pág. 923, dá a seguinte definição acerca dos «jogos de dinheiro»:

«Acto ou prática de apostas; acto de jogar um jogo e de conscientemente arriscar dinheiro ou outros bens; acto de arriscar qualquer coisa numa circunstância incerta; especulação de papéis na bolsa por pessoas mal informadas e em que a margem do lucro é incerta e muito restrita, dependendo unicamente do factor «sorte».

«O tratado legal, *American Jurisprudence*, volume 38, pág. 107, faz notar, ao definir o termo «Jogos a dinheiro»:

«Uma definição judicial de jogo indica que ele é um acordo entre duas ou várias pessoas para arriscarem o seu dinheiro ou os seus bens num contexto de acaso ou de sorte, em que haverá uma pessoa que ganha, e outra que perde», o que pouco difere da declaração que diz que jogar é arriscar dinheiro ao acaso. Foi também dito que o termo 'jogar' não tem qualquer significado técnico, mas inclui todo o projecto ou instituição que tenha por objectivo qualquer desporto, recreação ou divertimento, destinados ao público, e nos quais dinheiro ou outros objectos de valor podem ser ganhos ou perdidos como resultado desse projecto ou instituição. Inclui apostas ou paradas concernentes a todo o combate físico, de homem ou de animal, exercidos com o objectivo de decidir tais apostas ou paradas.»

O Black's Law Dictionary, 1975, 4.^a edição revista, pág. 808, dá à expressão «jogos a dinheiro» o seguinte sentido:

«Jogar, por dinheiro ou outros bens: portanto, pôr em jogo dinheiro ou outros objectos de valor com um resultado incerto. Isso inclui não so-

mente o acaso mas a esperança de ganhar uma quantia superior ao valor arriscado.»

Deve notar-se que «apostar» é uma alternativa para «jogar a dinheiro». Resumindo, «jogar a dinheiro» pode ser definido como «apostar dinheiro ou outro valor na esperança de recuperar mais do que o montante apostado, e cujo resultado é em grande medida determinado mais pela sorte do que pela habilidade, conhecimento ou por um esforço directo. Arriscar dinheiro nos resultados de disputas ou de jogos comporta também o factor acaso e envolve elevado risco e constitui, consequentemente, jogo a dinheiro. Diversos esquemas onde um pequeno investimento se multiplica a ponto de tornar-se uma grande quantia, na base de perda incontestável pela parte adversa, são também jogos de azar. Ver apêndice.

II. O problema dos jogos a dinheiro, tal como pode existir entre os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Parte-se do princípio de que o Adventista do Sétimo Dia não está envolvido nem interessado com as formas mais evidentes dos jogos a dinheiro, tais como corridas de cavalos, de cães, jogos de bolas e actividades exercidas nos casinos de jogos. Todavia, há certos domínios que apresentam um dilema para o adventista que procura a direcção espiritual por parte da Igreja à qual pertence para determinar o comportamento a ter em face de outras actividades que se poderiam considerar como «jogos de azar». Por exemplo, as lotarias mantidas pelo Estado, as tómbolas em favor das obras de caridade ou filantrópicas, cadeias de cartas de diversos géneros, jogos de loto e de concursos, comportando elementos de acaso, tendo em vista promover as actividades da Igreja. É so-

bretudo nestes pontos que é necessário ter diretrizes da Igreja.

III. Ensino bíblico e princípios relativos aos jogos de dinheiro.

A Bíblia ensina que os cristãos ligados a Cristo devem viver de tal maneira que as suas motivações, as suas palavras e as suas acções honrem a Deus. Eles são chamados a uma santa vocação, a qual inclui não somente a comunhão com Deus (Efésios 4:1-3), mas ainda boas relações com o seu próximo, que devem amar como a si mesmos (Rom. 13:8 e 9), e ao qual são convidados a testemunhar honra e afeição, fazendo todos os esforços a fim de viverem em paz com ele. (Rom. 12:9, 10, 16-18).

A Bíblia mostra que uns certos tipos de comportamento são «dignos» de um cristão, ao passo que agir para com os outros de uma determinada maneira constitui «as obras das trevas», as quais devem ser abandonadas, porque provêm da carne e de desejos egoístas (Rom. 13:10-14). Declara-se aos cristãos que a graça de Deus os conduz «a viver no presente século sóbria, justa e piamente» (Tito 2:12).

Nós cremos que os jogos a dinheiro são contrários aos princípios enunciados pelos textos bíblicos acima mencionados; além disso, eles evidenciam amor pelo mundo e inimizade para com Deus (Tiago 4:4).

Por outro lado, os Adventistas do Sétimo Dia crêem que os jogos a dinheiro devem ser condenados pelas seguintes razões:

1. Os cristão receberam a ordem de ser sábios mordomos dos bens que Deus lhes confiou. Para o cristão, a sua participação nos riscos dos jogos de dinheiro constitui uma violação e uma abdicação da mordomia cristã, dado que tudo quanto possui lhe foi confiado por Deus. Nós não somos moralmente livres de utilizar os bens que nos foram confiados sem considerar o seguinte:

a) O jogo a dinheiro consiste em comprometer, em vista de uma perda ou de um ganho, os proventos que Deus nos confiou para as nossas necessidades reais e as dos outros, seguindo um princípio baseado no acaso e na esperança de ganhar uma quantia que exceda a soma investida. Fazer repousar sobre a sorte a condução dos nossos negócios é uma violação da responsabilidade cristã. Denota arrogância humana, como aquele que diz: «A força e o poder da minha mão me adquiriram estas riquezas» (Deut. 8:17), e implica que é permitido utilizar os seus bens a seu bel-prazer, sem considerar as suas responsabilidades no que concerne à mordomia cristã. Usar os bens que Deus nos confiou de uma maneira irresponsável é contrário aos princípios do cristianismo.

b) Conduzir a administração dos nossos bens de um modo que se baseia na sorte, nos jogos a

dinheiro, constitui a violação do nosso sentido das responsabilidades. Um cristão crê que foi criado à imagem de Deus e que Deus concedeu aos homens o dom da razão e a possibilidade de se desenvolverem, de adquirirem o sentido da justiça e habilidade para conduzirem inteligentemente os seus negócios. Colocar os seus proventos à mercê da sorte constitui uma violação do princípio da mordomia cristã, bem como das possibilidades que Deus nos dá. Ellen White declarou aos Adventistas do Sétimo Dia que «todo o talento e inteligência que temos nos foram emprestados por Deus para o Seu serviço» (B. C. vol. II, p. 1029). Sendo assim, um cristão não pode renunciar ao uso da sua inteligência e razão no que diz respeito à condução dos seus negócios, abandonando-os ao factor sorte.

c) Os jogos a dinheiro são um meio lucrativo improdutivo. Não geram riqueza económica. Trata-se dum expediente que serve a redistribuição das riquezas e meios pela sorte, muitas vezes acompanhado de manipulações ambíguas ou clandestinas, que acabam «em casa», quer dizer, que aqueles que dirigem os jogos, sejam lotarias, lotos, jogos de dados, roleta ou outro, acabam quase sempre por sair vencedores. Indivíduos que vivem na clandestinidade, jogadores profissionais e até governos participam nestas práticas, porque são dirigidas de maneira a tirar proveito do público, constituído muito frequentemente pelos que precisam dos seus proventos para outras responsabilidades e necessidades. O facto de uma pessoa que joga a dinheiro poder permitir-se perder não justifica o seu jogo, porque este constitui, apesar de tudo, uma transgressão do princípio da mordomia cristã e gera uma discriminação para com aqueles que não podem permitir-se perder.

2. Os jogos a dinheiro não figuram na categoria de despesas relativas à administração judiciousa dos bens de que fazem parte os prémios de seguro contra incêndios ou acidentes, ou os investimentos em negócios, mesmo que estes investimentos representem quotas sobre propriedades ou empresas de valor ou se refiram à posse de acções de valor. O seguro não repousa sobre a criação do risco. O risco de perda existe antes que o seguro seja contratado. O seguro apenas faz repartir e regularizar este risco e aumenta assim a estabilidade do valor da propriedade segurada. Além disso, os beneficiários de reembolsos por parte de um seguro em caso de perdas, recebem quantias bastante próximas da perda real. Pode acrescentar-se que Cristo aprovou indirectamente um sábio investimento dos bens, através da parábola dos talentos (Mat. 25:14-29). Porque quem investe dinheiro sabiamente, em vez de o enterrar na terra, contribui para criar novos postos de trabalho para outras pessoas. Este investimento enriquece simultaneamente o proprietário e os que encontram um emprego, pelo facto de que é pos-

to em circulação. É um meio de salvaguardar bens e realizar mordomia cristã, e em contraste com os jogos a dinheiro, que criam um risco essencialmente baseado sobre a sorte (o acaso).

3. Os jogos a dinheiro são inaceitáveis pelo facto de que violam o princípio do amor ao próximo e impedem o cristão de servir na sua qualidade de «guardião» do seu irmão. O prazer que se obtém pelo ganho nos jogos a dinheiro é necessariamente acompanhado pelo desgosto e provações dos que perdem. Os jogos a dinheiro não contribuem, portanto, para o bem do próximo, mas pelo contrário, tiram vantagem da sua fraqueza. Estes jogos paralizam o amor fraternal e levam à indiferença para com as necessidades e direitos ao próximo, cujo bem-estar deveria ser uma das principais preocupações do cristão.

4. Os jogos a dinheiro estão em contradição com o espírito cristão porque podem levar uma pessoa que possua muitos bens a dar um mau exemplo a uma outra cujos bens mal chegam para prover às suas necessidades e às da sua família, e que, em caso algum, pode comportar os riscos dos jogos de dinheiro. A tendência dos jogadores de dinheiro ao deixar-se arrastar pela sedução de grandes ganhos, leva-os à delapidação inconsciente das receitas vitais destinadas às suas próprias necessidades e às das suas famílias, revela-se um vício inconveniente e mau para os cristãos.

5. Os jogos de dinheiro reforçam o egoísmo e são, conseqüentemente, incompatíveis com o espírito cristão, cujo ideal consiste em inculcar princípios altruístas na maneira de pensar e de agir daqueles que seguem a Cristo. A aquisição de posses, ou a transferência de posses de uma para outra pessoa, por meio de risco e sorte constituem a própria essência dos jogos a dinheiro. São motivados pelo desejo de adquirir bens sem ter de trabalhar e de pagar o seu justo valor. O facto de que os jogos a dinheiro podem resultar de um acordo mútuo não os torna mais aceitáveis. A antiga prática de duelos dependia dum acordo mútuo, mas o seu resultado continuava a ser um homicídio. Os cristãos têm a responsabilidade de procurar resistir ao egoísmo e de combatê-lo, pela graça de Deus. O estado de espírito engendrado pelos jogos a dinheiro, em vez de diminuir o egoísmo, fá-lo crescer e estimula-o até fazer com que o indivíduo perca o domínio próprio, especialmente quando ele é encorajado por um êxito ocasional. Os Adventistas do Sétimo Dia, individualmente e nas suas igrejas, usarão a sua influência, tomando posição contra os jogos a dinheiro, tendo em vista educar e eliminar a prática dos jogos a dinheiro e de azar. Por estas razões os Adventistas do Sétimo Dia crêem que os jogos a dinheiro são contrários aos ensinamentos da Bíblia e ao espírito do cristão. Jogar a dinheiro é um vício que os verdadeiros cristãos evitarão sob todas as suas formas, mesmo se ocasionalmente os que neles participam o fazem com a intenção de utilizar em fins louváveis um hipotético ganho.

Comentários de Ellen G. White acerca dos JOGOS A DINHEIRO

«Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, mas não vos fartais; bebeis, mas não vos saciais; vestis-vos, mas ninguém se aquece: e o que recebe salário, recebe salário num saco furado.» (Ageu 1:6). Ellen White serviu-se deste texto por ocasião de uma discussão sobre os jogos a dinheiro, etc..

1. Os jogos a dinheiro, um mal entre muitos.

Nos escritos do Espírito de Profecia os jogos a dinheiro aparecem sempre como uma loucura humana associada ao «torvelinho da agitação e do prazer» (*Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 326; cf. *Testimonies*, vol. 9, p. 89). Estão em relação com os «desportos enervantes», teatro, corridas de cavalos, jogos de azar, bebidas e bacanais». (*Testemunhos Selectos* vol. 326, cf. *Testimonies*, vol. 9, p. 89).

Ellen White, descrevendo as condições que reinavam num determinado lugar — o que lhe causou «um grande peso sobre o coração e um sofrimento moral», escreveu que «as pessoas são dadas ao prazer e empregam uma grande parte do seu tempo na procura de satisfações egoístas, arrastadas como são numa roda de divertimentos excitantes. Há numerosos jogos de cartas, jogos de azar, corridas de cavalos». Ela escreveu que «muitas pessoas passam o seu tempo em caminhos que desonram a Deus, nas corridas de cavalos, nas casas de jogo. Milhões se juntam para assistirem a um combate de boxe — exibição de animalidade que revolta Aquele que deu a sua vida para elevar e enobrecer o ser humano» — *Carta 246*, 1903.

2. Excitam todas as paixões

«O aumento constante e obstinado da maldade está produzindo rápido e quase generalizado senso de culpa nos habitantes das cidades.» Existe uma «epidemia de crimes», uma «corrupção dominante», «violências e infracções da lei», «aumento da locura», homicídio e suicídio». (*Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 326). A descrição da corrupção que reina nas cidades não pode ser feita por uma pena humana. Os conflitos políticos, a corrupção, a fraude são correntes. Os homens parecem determinados a dominar ou a destruir. Estão prontos a maltratar, e até a matar, os que se recusam a obedecer-lhes. Quem, pois, pode duvidar de que o mal que existia antes do dilúvio existe hoje?» *Carta 246*, 1903.

3. Manifesto partidarismo

Falando das «próximas corridas de cavalos», que deveriam ter lugar numa determinada cidade, e das «provas de atletismo de um certo clube», Ellen White observa como os exercícios são levados a tal grau de intemperança que as mentes são excitadas... Um poder vindo dos lugares in-

feriores anima os espíritos e impele-os a agir com uma energia desenfreada. As apostas, os ganhos ilícitos, as recompensas superabundam, e uma febre raiando a loucura parece apoderar-se dos amantes do prazer.» *Review Herald*, 6 de Março de 1894.

«Tudo aqui na terra está animado de poder. Os amantes do prazer procuram intensamente assegurar-se de todos os divertimentos possíveis. Os jogadores a dinheiro levam excessivamente a sério o que fazem. As apostas, as corridas de cavalos, os jogos de todas as espécies criam um grande entusiasmo e aumentam a influência dos que nisso vêem os seus interesses, como se a recompensa do vencedor fosse a felicidade eterna. Que terrível aberração! Que loucura! Uma vida intensa anima todos os poderes dos lugares inferiores, impregnando todas as maquinações que o arqui-enganador pode inventar através dos seus anjos caídos. Agentes satânicos misturam-se com a juventude e os homens de todas as idades a fim de encherem as suas vidas de prazer e de divertimentos falsos que mancharão os seus pensamentos e corromperão todo o ser. Satanás quer que os homens não tenham nenhum pensamento para Deus, nenhum temor de Deus, que não experimentem nenhum constrangimento em relação a Deus.» *Carta 23*, 1896.

Ela qualificou esta «paixão do jogo» de contagiosa, a tal ponto que mesmo «os membros de igreja foram arrastados nesta agitação.» (*Review and Herald*, 6 de Março de 1894).

4. Convertem a Igreja ao mundo.

«As coisas eternas são apagadas da memória dos homens» (*Ibid.* 6 Março de 1894), como resultado da sua paixão pelas corridas de cavalos, apostas, etc.

A paixão do jogo é tão contagiosa que mesmo os membros de igreja, professando o cristianismo, são arrastados nesta agitação e encorajam as corridas de cavalos, pelo facto de tomarem eles próprios lugar entre os espectadores. Se não apostam nas corridas, são, todavia, um em espírito com os negociadores e seus actos são registados e condenados nos átrios celestiais. Encontram-se em companhia dos que não temem a Deus e deverão dar conta a Deus do tempo e do dinheiro que ali tiverem perdido (*Ibidem*).

«O inimigo arranjou as coisas de maneira a sentir os seus próprios desígnios. As corridas de cavalos, jogos de dinheiro e outros, as modas do dia preocupam os espíritos de homens e mulheres. Uma longa procissão marcha pelo caminho largo que conduz à ruína eterna. O mundo, saturado de violência, de deboche e de embriaguês, está convertendo a igreja. A lei de Deus, norma divina da justiça, é declarada nula.» *Manuscrito 38*, 1905.

5. Contrários aos ensinamentos de Jesus

Nota: Em «Old Home», pertença do Dr. Jackson, em Dansville, Nova Iorque, onde Tiago e

Ellen White se retiraram a fim de repousarem e seguirem um tratamento, havia divertimentos tais como «a dança, jogos de cartas, frequência de teatros, etc.» (*Review and Herald*, 20 Fevereiro de 1866), que tinham lugar tendo em vista favorecer a cura completa dos doentes, mas Ellen White escreveu que não «podia encontrar qualquer harmonia entre o seu ensinamento religioso (do Dr. Jackson) e as directrizes de Cristo contidas no Novo Testamento — *Ibidem*.

«No decurso de nossas longas noites de insónia comparávamos a vida de Jesus e Seus ensinamentos acerca da vida cristã com aqueles que a este respeito eram dados nesta instituição e não podíamos estabelecer qualquer paralelo entre eles.» — *Ibidem*.

Os jogos de azar não estão aqui mencionados, mas se os jogos de cartas, «etc.» estão em desacordo com os ensinamentos de Jesus, em que categoria figurariam os jogos de azar?

6. A Igreja deve dar o exemplo e converter os pecadores.

«Este terrível estado de coisas não deveria levar os discípulos a envidar esforços sérios e infatigáveis em vista do bem das almas? Não vemos nós claramente a proximidade do fim de todas as coisas? Não deveríamos nós compreender a importância da nossa tarefa e trabalhar sem descanso pela salvação daqueles que perecem? Não temos um instante a perder. O nosso exemplo deve ser tal que exerça uma influência positiva sobre aqueles que nos rodeiam. Temos de considerar todas as coisas com uma perca por causa da excelência do conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.»

«Os tempos em que vivemos exigem dos servos de Deus que eles sejam homens de fé e de oração, que compreendam as responsabilidades que sobre eles repousam como portadores da última mensagem de graça para um mundo em perigo. ‘Vós sois a luz do mundo’, declarou Jesus. ‘Resplandeça pois a Sua luz diante dos homens, a fim de que eles vejam as boas obras e que eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus.’ Grande número de almas chegarão ao conhecimento da verdade se um trabalho inteligente for realizado em seu favor.» *Manuscrito 117*, 1907.

7. Médicos reconhecem que os jogos de dinheiro são causa de doença.

«As nossas clínicas deveriam estar preparadas para o trabalho de contribuir para influenciar uma certa classe de pessoas que não podem ser atingidas por nenhum outro meio senão pelo trabalho das nossas instituições médicas. Os nossos médicos deveriam reprovar com firmeza as causas das doenças. Temos necessidade de homens que lutem contra o egoísmo, destruidor das forças vivas da piedade. Deus faz apelo aos homens de fé e oração. ‘Orai pois ao Senhor da seara para que envie obreiros para a sua seara.’» *Manuscrito 117*, 1907.

8. O dízimo e as ofertas em vez das lotarias e jogos

«Temos necessidade de homens que convenham à Obra. O dinheiro é necessário para fazer progredir esta obra. Que a Igreja mostre que fala a sério. Uma contribuição de fundos por parte de cada membro assegurará o provimento do tesouro. Deus diz: 'Trazei à casa do tesouro todos os dízimos, a fim de que haja mantimento na minha casa'. Se todas as ofertas de culpabilidade, de expiação e de acções de graças fossem trazidas à casa do tesouro, veríamos que as almas não estariam tão entenebrecidas e afastadas de Deus. Elas mostrariam pelas suas obras que se interessam vivamente pelo triunfo da verdade e pelo avanço da glória de Deus aqui na terra. Nós não nos interessamos pelo que é barato; mas o que faz o alvo dos nossos investimentos faz apelo ao nosso interesse e à nossa atenção, e nós contribuimos com alegria para o seu sucesso.

«Nós vemos as Igrejas de hoje encorajarem os festins, glotonaria e a dissipação através de jantares, vendas, bailes, festas, organizados com o objectivo de recolher fundos destinados ao tesouro da Igreja. É um método inventado por espíritos carnais para fazer entrar fundos sem fazer sacrifício. Um tal exemplo impressiona fortemente os espíritos dos jovens. Tomam nota de que as lotarias e os jogos são sancionados pela Igreja, e eles vêem algo de fascinante nesta maneira de adquirir fundos. *Um adolescente está rodeado de tentações. Vai ao jogo de «bowling», à casa de jogo, ao campo de desporto. Ele vê o vencedor guardar o dinheiro que ganhou. É sedutor. Parece-lhe ser um meio mais fácil de obter dinheiro do que por um trabalho assíduo que requer perseverança e estrita economia. Não se vê nisso nenhum mal, porque não se serviria ele também de expedientes deste género? Ele possui uma pequena quantia que se arrisca a investir pensando que ela lhe renderá talvez muito.**

«Quer ganhe ou perca**, ele corre para a sua ruína. Mas foi o exemplo da igreja que o conduziu a este mau caminho.

«Tenhamos uma posição clara acerca de todas estas corrupções, dissipações e festas de igreja, cuja influência desmoralizante se exerce sobre jovens e adultos. Pelo facto de os fundos adquiridos irem ser utilizados para objectivos da igreja, nós não temos qualquer direito de protegê-los com o véu da santificação. São ofertas pobres, enfermias e imperfeitas, que levam consigo a maldição de Deus. São o preço das almas. A carne pode aprovar as festas, a dança, as lotarias, as vendas e a devassidão para arranjar fundos destinados às necessidades da igreja, mas não tomemos parte em nenhuma destas manifestações; porque, se o fazemos, nós atraímos o desprazer de Deus. Os discípulos de Cristo não se entregam a um apetite culpável nem aos divertimentos carnais, servindo-se duma parte dos bens que Deus lhe confiou. Se eles

não dão voluntariamente, por amor a Cristo, o seu dom não será de modo algum aceite por Deus.

«A morte, trajada com vestidos do céu, dissimula-se na senda dos jovens. O pecado está como que recoberto de uma camada dourada pela santidade aparente da Igreja. Estas diversas formas de divertimentos nas igrejas de hoje arruinaram milhares de pessoas que, sem isso, teriam permanecido rectas e se tornado discípulos de Cristo.» *Manuscrito 132, 1897.*

Conclusão

As expressões que precedem, seja «corridas de cavalos» «jogos de dinheiro», «jogos de cartas», «combates de boxe» «provas desportivas de um certo clube», «apostas», «ganhos ilícitos e prémios», «jogos diversos», «jogos de todas as espécies» e «lotarias» são todas mencionadas e contidas nesta exposição como sendo prática em oposição com a vida do cristão. Considerando estas expressões particulares — apresentando todas uma relação entre si — saberemos talvez encontrar uma linha de conduta que nos ajudará a adoptar uma atitude clara perante a presente preocupação do mundo e das igrejas populares acerca dos jogos de sorte sob as suas formas não menos numerosas e subtis.

É desígnio de Satanás eliminar Deus do pensamento das pessoas. Os jogos a dinheiro fazem parte das armas do diabo na batalha final do grande conflito entre Cristo e Satanás. E neste contexto deveriam ser considerados.

Um opinião superficial, cómoda, liberal e tolerante, a propósito dos jogos a dinheiro, por parte dos membros da igreja, abre caminho à aceitação da sua prática e priva Cristo da ocasião de Se revelar ao mundo através de um melhor estilo de vida. — Compilação feita pela Fundação E.G. White, da Conferência Geral, em Março de 1979.

Conselho da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

* A parte sublinhada e mais particularmente a declaração: «Parece-lhes ser um meio mais fácil de obter dinheiro do que por meio de um trabalho assíduo» ilumina o síndrome «enriquecer rapidamente» que caracteriza o jogador. Mas é o substituto que Satanás dá para o trabalho, trabalho que é o meio que Deus concebeu para o homem poder prover as suas necessidades.

**A maioria dos jogadores perde e eles terão de dar conta, em relação a tais delapidações financeiras, do pobre emprego do seu tempo e meios.

Apêndice

Enciclopédia Verbo. Vol. 11.º, 11.º, Editorial Verbo Lisboa:

Jogos — Prova disputada de acordo com certas regras especificadas ou não e que se decide por sorte, força, habilidade, técnica ou combinações destas.

O Código Civil português de 1867 definia no art.º 1539 o jogo ou aposta como o contrato aleatório em que a obrigação de fazer ou prestar alguma coisa é comum, e deve necessariamente recair em uma das partes, conforme a alternativa do evento. Equiparava, assim conceitualmente, os dois contratos como parificava os respectivos regimes.

«É extremamente difícil formular uma definição formal dada a impossibilidade de reduzir à unidade a espantosa multiplicidade das suas formas e concretizações. Forçoso nos é, portanto, contentar-nos com uma simples definição descrita e indicativa a partir das duas funções em que o jogo radica: jogo opõe-se a trabalho, a utilidade, e em parte a seriedade — jogo é uma actividade espontânea e gratuita, livre e sujeita a regras, que em si mesma encontra a sua finalidade primária, mas que, ao mesmo tempo, realiza a sublimação de vários instintos e tendências: a agressividade, a agonalidade, a vontade de poder, a tensão e a fruição.»

Jogos de Azar — No sentido lato, envolve a clássica teoria de jogos de azar (como a roleta), nos quais, uma vez tomada uma posição no jogo, o resultado deste depende exclusivamente do acaso.

COLHEITA 90

Até que Eu venha...

Porta-a-
-Porta

Cuidados
com os
idosos

Igreja
Reunida

Estilo de
Vida
Cristão

Cuidados
com as
crianças

Baptismos



...casa-a-casa até à
última casa

«Envolvimento total na Colheita 90»

Uma Igreja Unida ao Trabalho

Setembro é, nomeadamente, o mês em que, após as férias, as igrejas recomeçam a compor-se com a presença de adultos e jovens. Assim, é normal que recomecem, em pleno, as nossas actividades, que neste ano têm um significado especial, pois são os últimos dez meses da grande campanha de **Colheita 90**.

Neste período, propomos às igrejas vários planos trimestrais, que deveriam reunir os esforços de todos os que as compõem: crianças, adultos e jovens.

Desejaríamos, pois, propor aos prezados Irmãos das igrejas que procurem integrar-se nos seguintes planos:

4.º Trimestre de 1989

Buscar os ausentes. Em cada um dos escalões de idade há pessoas ausentes da igreja. Há lugares vazios onde essas pessoas se sentavam. É necessário ir convidá-las a regressar e a ocuparem os seus lugares. A Escola Sabatina é o departamento que deve liderar esta campanha. No último trimestre deste ano devemos dar ênfase à **busca dos ausentes**.

1.º Trimestre de 1990

Deveríamos dar ênfase especial à acção missionária da igreja: Seminários Maranata, unidades evangelizadoras, Seminários nos lares, acções nas Escolas. Este trimestre deve ser dedicado ao trabalho missionário individual, em grupos pequenos. É a maneira mais maravilhosa para se obterem bons resultados em ganhar almas.

2.º Trimestre de 1990

É o momento da acção conjunta da igreja em acções públicas em favor da comunidade, campanhas de evangelização, Seminários de Daniel e Apocalipse, Planos 5 dias, Seminários sobre família, *stress*, etc.

3.º Trimestre de 1990

Deveria ter como lema «*aproveitando as férias para testemunhar*». Há acções que podem colocar-nos, sem dificuldade, em contacto com a comunidade — Escolas Cristãs de Férias, Rastreo da tensão ar-

terial nas praias e termas, programas de jovens etc.

O primeiro sábado de cada trimestre deveria ter um programa especial de manhã e à tarde, e depois, à noite, terminar com um programa social para a igreja.

O último sábado de cada trimestre deveria ser uma cerimónia baptismal regular. Para essa cerimónia deveria fazer-se um programa especial, se possível com a presença de algum departamental. Devemos dar às cerimónias baptismais uma certa solenidade.

Cremos que o Senhor nos ajudará, nestes últimos meses até ao fim da **colheita 90** a buscar os ausentes casa-a-casa, até à última casa. Para isso, precisamos duma acção global de todos os nossos departamentos.

J. Morgado

Mordomia — Consagração Total

A Mordomia genuína altera a relação do homem para com Deus, para com o seu semelhante e para consigo próprio.

A verdadeira Mordomia começa onde e quando reconhecemos que Deus é o legítimo dono de tudo quanto existe no Universo. Porque Ele tudo criou, tudo Lhe pertence. Sendo assim, tudo o que temos, tudo o que somos deve ser usado para Sua honra e glória e para benefício de nossos semelhantes:

a. O Nosso Corpo — Logo no princípio, Deus estabeleceu a maneira como o homem poderia conseguir o máximo desenvolvimento do corpo e da mente, explicando a devida relação entre trabalho, descanso, recreação, alimentação, companheirismo e outros elementos da vida saudável. Os princípios de saúde envolvem o homem no seu todo.

b. O Nosso Tempo — Para que o homem se lembre de que o tempo pertence ao Senhor, ele é, semanalmente, submetido a uma dupla prova: nos seis dias de trabalho, somos nomeados Seus mordomo-

mos; por outro lado, as nossas actividades no sétimo dia deveriam receber a Sua inteira aprovação.

c. Os Nossos Talentos — Os nossos talentos naturais e/ou cultivados, constituem um investimento para ser usado ao serviço do Senhor. Que uso estamos, por exemplo, fazendo da nossa inteligência, da nossa consciência, dos nossos afectos, das nossas habilidades, etc.?

d. Os Nossos Bens — Os actos diários do homem são votos a favor ou contra a vida eterna. Deus examina os seres humanos no uso judicioso e sem egoísmo que eles fazem da sua vida. A pergunta que é posta perante cada um de nós é a seguinte: «Estou eu sendo fiel e zeloso mordomo de todos os bens que Deus me entregou? Estou eu sendo fiel no devolver-Lhe o dízimo de tudo e na entrega de ofertas na medida certa da minha prosperidade?»

J. Gomes

Educação e Redenção

«Restaurar no homem a imagem do seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação — tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objectivo da educação, o grande objectivo da vida.» *Educação*, p. 16.

Há uma obra muito importante a realizar com todos os alunos que frequentam as nossas escolas e centros de ocupação de tempos livres. Os professores que lidam várias horas por dia com crianças e jovens adventistas e não adventistas têm ao seu alcance uma oportunidade única de exercerem sobre eles uma influência que os poderá ajudar na sua preparação para a eternidade. Cabe a cada professor aproveitar da melhor maneira possível essa oportunidade ímpar. O ano lectivo que se avizinha coincide com a última fase da **Colheita 90** e constitui um tremendo desafio para cada professor cristão que se dispuser a fazer o seu melhor para que este esforço de evangelização a nível mundial possa re-

dundar numa grande vitória para a Causa de Deus neste mundo.

As igrejas que não têm o privilégio de ter uma escola adventista perto deverão fazer todos os possíveis para proporcionar às crianças e jovens que frequentem escolas públicas uma instrução religiosa que possa contrariar as inúmeras ideias materialistas e ateias transmitidas através das mais diversas matérias que constituem o seu programa escolar. Cada igreja deveria organizar uma escola bíblica, a fim de que cada criança e jovem, de acordo com o seu nível etário, possa receber a instrução religiosa que, como igreja, temos o dever de lhes dar.

«Ensinai a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele» (Prov. 22:6). O conselho divino transmitido ao Seu povo através do sábio Salomão continua a ser válido nos nossos dias e, por certo, mais necessário ainda na sociedade secularizada em que vivemos, onde os valores éticos e religiosos são desprezados e até rejeitados.

Gustavo Samuel Grave

Viver já... a Eternidade

O estilo de vida que cada um adopta é o resultado de vários factores. Ninguém se pode dissociar de toda uma herança cultural que lhe é própria quer em termos restritos como a família, quer em aspectos mais vastos como a comunidade ou o país.

Igualmente, tem de ter-se em linha de conta as condições que rodeiam essa vivência, sejam elas geográficas, sociais, ou económicas, pois esse estilo de vida é condicionado pelas convicções de cada um, por todo aquele capital que a cada passo vai sendo amealhado, fruto das opções, das experiências e dos objectivos a serem atingidos.

Fácil se torna, pois, compreender que os nossos objectivos são específicos, as nossas convicções diferentes, a nossa cultura muito própria. Assim, também, o nosso estilo de vida deveria demarcar-se da generalidade.

Toda a nossa vida neste mundo deveria ser pautada por uma noção muito concreta: **Estamos aqui a aprender a viver a eternidade.** Valores como a temperança na sua mais vasta dimensão, a conservação da saúde através duma correcta prevenção, uma vida familiar que demonstre como Deus tinha planeado a família no Jardim do Eden, com um entendimento profundo entre o casal, e que se espera de cada um dos seus elementos, da sua posição e responsabilidade, uma educação dinâmi-

ca e positiva dos filhos, preparando-os para o futuro, para a vida, para a vida do futuro, uma postura tal que leve os outros a entenderem, como está sobejamente demonstrado, que o estilo de vida adventista é uma bênção para quem o vive e uma forma extremamente eficaz de dar aos outros uma correcta ideia do que somos como povo.

Mas viver o estilo de vida adventista é fazer disso a arma mais eficaz na nossa actividade evangelística, o nosso contributo maior na **Colheita 90.**

DEUS APENAS ESPERA ISSO DE CADA UM DE NÓS!!!

Daniel Esteves

Novos Fachos de Luz

«Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.» — Isaías, 60:1.

Esta mensagem é dirigida a cada filho de Deus. Todos quantos aceitam o Salvador devem por palavra e exemplo ser uma luz no mundo.

Cada obreiro da página impressa deve sentir que é um portador de luz com uma responsabilidade particular. Enquanto que outros resplandecem em constelação, na igreja ou nalgum grupo mais isolado, o colportor leva a luz da verdade mais longe, e muitas vezes o seu exemplo, a sua personalidade cristã, brilha só, em lugares onde a mensagem divina confiada ao remanescente ainda não é conhecida.

Que responsabilidade e que privilégio!

Cada colportor deve sentir a alegria resultante da confiança que o Senhor da Seara nele deposita. Deve intensificar os seus esforços para descobrir lares onde exista interesse pelo estudo da Palavra de Deus e onde se possam organizar novos grupos em que a Mensagem do Senhor seja pregada, sobretudo onde não temos igrejas estabelecidas.

Que cada colportor use todos os meios ao seu dispor para evangelizar:

* Deixem os livros e revistas que contêm a mensagem do Céu para este tempo.

* Estudem a Palavra de Deus com os vossos clientes que forem mais sensíveis ao apelo do Espírito Santo.

* Orem pelos vossos clientes, usando as palavras de Jesus na Sua prece em favor dos Seus discípulos presentes e futuros: «...que sejam um, assim como nós somos um.» Que possamos dizer como Cristo: «Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu neles esteja.» — João 17:26.

F. Ferreira

Estudo e Acção

O tema no qual colocamos a nossa atenção é o fundamento de toda a filosofia relacionada com o Departamento da Escola Sabatina, que é uma Escola para o estudo da Bíblia e de preparação para o testemunho.

O Estudo

O estudo da Bíblia, através das lições da Escola Sabatina, é o grande reforço para o alicerce da nossa fé; é um laço que nos prende à igreja, levando à unidade e a um mesmo ideal. Este estudo deve ser feito com o fim de nos apresentarmos a «Deus aprovados, como obreiros que não têm de que se envergonhar, mas que manejam bem a palavra da verdade e aptos para ensinar a outros levando-os a Cristo.» — *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, pp. 121 e 117.

A Acção

Entre as pessoas de maior responsabilidade e acção mais ampla na Escola Sabatina, estão os professores. Desempenham função preponderante. Em grande medida, deles depende o êxito.» *Ensinando Dinâmico da Escola Sabatina*, p. 5.

Nos relatórios que são elaborados pela direcção da Igreja nota-se que a grande preocupação da hora é o trazer de novo ao nosso convívio os membros constantemente ausentes e aqueles que nos deixaram. Considerando que as igrejas onde um tal programa foi aplicado obtiveram excelentes resultados, o Departamento da Escola Sabatina recomenda:

1. Que se estude, com o objectivo de pôr em prática o mais depressa possível, o programa que se intitula «NOSSA PREOCUPAÇÃO PELA IGREJA AUSENTE»;
2. Que o referido programa seja encarado em quatro actividades distintas:
 - 2.1. **Contactar** os membros ausentes e os que deixaram de frequentar a igreja.
 - 2.2. Preparar a igreja para saber **acolher** novamente em seu seio estes membros;
 - 2.3. **Conservar** entre nós os que tivermos trazido de novo;
 - 2.4. **Agrupar** membros que possam ir «em busca da ovelha perdida» cujo nome e endereço lhes tenham sido fornecidos, tendo o cuidado de levar literatura e de orar para que retornem à igreja.

A. Nunes

«Como Folhas do Outono»

A nossa literatura é simbolizada por um anjo que ilumina a Terra com a luz da sua glória; luz que dissipa as sombras e as trevas, faz desaparecer a dúvida e o medo; glória que revela a todos os habitantes da Terra, o Deus de amor e mansidão. O Espírito Santo, operando através dela, fala com impacto ao coração das pessoas. A literatura continua a pregar mesmo quando os púlpitos estão silenciosos; atinge os lugares inacessíveis a outros meios de comunicação.

Para além disso, a nossa literatura leva as pessoas a decidirem-se por Cristo, fortalece-as e ajuda-as a manter os seus compromissos diante de Deus e dos homens. Os crenças cujo crescimento espiritual não vem apenas do ouvir mas que se alimentam diariamente da leitura e da meditação tornam-se mais fortes e mais capazes de enfrentar as vicissitudes da vida.

A página impressa foi considerada a ponta de lança da mensagem desde os primórdios do movimento adventista. Ela permanecerá como tal até que o trabalho do Senhor na Terra seja terminado. Aqueles que utilizarem as publicações como forma de testemunhar tornar-se-ão certamente a vanguarda do trabalho, marcharão em frente contribuindo assim para a vitória final da igreja.

Nesta hora em que todos procuramos unir esforços para avançar com êxito crescente na parte final da **Colheita 90**, quero lembrar este convite a todos quantos têm no coração o desejo de um testemunho mais fecundo: «As revistas e os livros são o meio de que o Senhor se serve para manter a mensagem para este tempo continuamente perante o povo. ...ao serem eles lidos, o Espírito Santo impressionará a mente da mesma maneira que impressionará aqueles que escutam a pregação da Palavra. Assim como os anjos assistem à obra do ministro, também auxiliarão a que se faz por meio da literatura que contém a verdade. ... Foi-me mostrado que não estávamos cumprindo o nosso dever quanto à distribuição gratuita de pequenas publicações. ... Quando escreveis a um amigo, podeis incluir um ou mais deles sem aumento do porte. Ao encontrardes no autocarro, no barco, ou na estação, pessoas que pareçam dispostas a ouvir, passai-lhe um folheto.

...Devem ser espalhados, como folhas no Outono, entre o povo, folhetos que contêm a luz da verdade presente.» — *Serviço Cristão*, págs. 145-154.

J. Sabino

Cuidando dos Jovens

Na revista *The Youth's Instructor*, de 21 de Novembro de 1911, a irmã Ellen White escreveu o seguinte:

«Tenho profundo interesse na mocidade, e desejo grandemente vê-la porfiando por

aperfeiçoar o carácter cristão e procurando, pelo estudo diligente e fervorosa oração, adquirir o preparo necessário para o serviço aceitável na causa de Deus. Anelo vê-los ajudando-se uns aos outros a alcançar um plano mais elevado de experiência cristã.»

Este interesse não esmoreceu. A igreja continua com os olhos postos na sua juventude. Mas a ela compete também o cuidado pelos jovens e crianças. Vivemos numa época de grandes perigos e tentações para os jovens. «Forte corrente está impelindo para baixo, para a perdição, e é necessário mais que a experiência da meninice e sua força para avançar contra esta corrente, sem ser por ela derribado» (*Testemunhos Selectos*, vol. I, p. 147). Qual sentinela, a igreja deve velar por estes filhos do Senhor, advertindo-os do perigo e proporcionando-lhes os maiores cuidados, colaborando estreitamente com a educação ministrada pelos pais e proporcionando-lhes escolas cristãs onde possam adquirir o preparo para a vida e a eternidade, evitando que venham a frequentar convívios ou receber influências que os afastem do caminho do Senhor.

Como membros de igreja, temos o dever de amar os cordeirinhos do Senhor. Temos de ser pais e mães em Israel, ver os jovens como *ossos filhos*, e isto se queremos estar isentos de culpa no juízo. Precisamos de olhar os jovens com compreensão e carinho, procedendo como atalais e conselheiros, mas nunca como alguém que os tem de julgar ou condenar. Essa não é a obra que o Senhor nos confiou. «O Senhor não é glorificado quando as crianças [e jovens] são negligenciados e passados por alto... Eles precisam mais do que uma observação casual, mais do que uma palavra de encorajamento. Necessitam de trabalho penoso, cheio de oração e cuidados. O coração pleno de amor e simpatia alcançará o coração dos jovens aparentemente descuidados e sem esperança.» — *Orientação da Criança*, p. 488.

Jesus diz a cada pai e mãe, mas também a toda a igreja: «Educai estas crianças para mim, para que possam brilhar nas cortes de Deus» (*Ibidem*). Mas cuidado. Precisamos de saber como proceder. «Os que dão instruções à infância e à mocidade, devem evitar observações enfadonhas. Falar com brevidade, indo direito ao ponto, terá uma feliz influência. Se há muita coisa a dizer, substituí pela frequência aquilo de que a brevidade os privou... Longos discursos fatigam a mente dos jovens. Falar demasiado levá-los-á mesmo a aborrecer as instruções espirituais, da mesma maneira que o comer em excesso sobrecarrega o estômago e diminui o apetite, fazendo enjoar a comida.» — *Obreiros Evangélicos*, pp. 208 e 209.

A igreja tem um lugar reservado para os jovens e eles têm de o saber... A igreja não pode fazer nada sem a sua juventude. Rapazes e meninos, crianças e jovens são o garante do cumprimento da sua missão evangelizadora. Por isso este movimento começou e terminará com os jovens. Com eles, «Quão depressa poderia vir o fim — o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa [...] poderiam nossos filhos receber a Sua herança onde os justos herdarão a terra

e habitarão nela para sempre!»! *Mensagens aos Jovens*, p. 196.

J. C. Costa

Uma Luz Menor para Ampliar a Maior

Ellen G. White nunca pretendeu que os seus escritos dessem exceder, ultrapassar ou suplantar as Sagradas Escrituras. Todavia, declarou que eles auxiliariam o estudante diligente da Palavra a ver mais clara e distintamente as grandes verdades ensinadas na Palavra. Eles são uma espécie de lente ampliadora para habilitar o indagador da verdade a contemplar as maravilhosas belezas contidas na passagem ou passagens sob diligente e cuidadoso estudo. Ampliam os pormenores e minúcias que de outro modo nos escapam, embora estejam claramente contidos nas Sagradas Escrituras. E por vezes referem outros pormenores que, embora não constem das Escrituras, não as contradizem ou suplantam. E também isto concorda com as Escrituras, pois o apóstolo João, ao terminar o seu evangelho, diz o seguinte: «Este é o discípulo que testifica destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Amem.» (João 21:24-25).

Eis como a própria Ellen G. White considerava os seus escritos: «Não estais familiarizados com as Escrituras. Se houvésseis tornado a Palavra de Deus o vosso estudo, com o desejo de atingir a norma bíblica e chegar à perfeição cristã, não teríeis necessidade dos *Testemunhos*. ...Os *Testemunhos* não são para diminuir a Palavra de Deus, mas para exaltá-la e atrair para ela a mente, para que a bela singeleza da verdade a todos impressione.» (*Testemunhos*, vol. 5, págs. 664-665).

«Recomendo-vos, prezado leitor, a Palavra de Deus como regra de fé e prática. Por essa Palavra havemos de ser julgados. Deus, nessa Palavra, prometeu visões nos *últimos dias*; não como uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se afastam da verdade bíblica.» (*Primeiros Escritos*, pág. 78).

E o Pastor Tiago White escreveu o seguinte: «A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É a nossa única regra de fé e prática. Isto, porém, não é razão para que Deus não mostre cumprimentos passados, presentes e futuros da Sua Palavra, nestes *últimos dias*, por meio de sonhos e visões, segundo o testemunho de Pedro. As visões verdadeiras são dadas para levar a Deus e à Sua Palavra escrita; mas as que são dadas para servirem de nova regra de fé e prática, separam da Bíblia, não podem ser de Deus e devem ser rejeitadas.» (RH 16-10-1855).

Prestemos, pois, atenção à palavra dos profetas e seremos prósperos; creiamos no Senhor e na palavra dos Seus servos e estaremos seguros. (Ver II Crón. 20:20).

Manuel Cordeiro

MÚSICA E LITURGIA

A Música é cada vez mais importante na vida da igreja «Deve haver regras no que diz respeito ao tempo, lugar, e forma (liturgia) de adorar» E. W. White, *Testimonies*, vol. 5.

As três ordens contidas na mensagem de Apocalipse 14:7 — **TEMEI, DAI GLÓRIA e ADORAI** — são um repto muito particular na história do resgate do planeta terra. O povo adventista está consciente de que foi chamado à existência em ocasião específica e solene para dar resposta a este repto na sua tríplice dimensão. Conhecer e expor tudo o que os escritos sagrados desenvolvem em suas páginas para esclarecer como *temer*, como *dar glória* e como *adorar* o Senhor são certamente objectivos prioritários. Embora só cabalmente executados no porvir da eternidade, Deus nos convida desde já ao seu cumprimento e eles têm constituído metas para onde os nossos passos se dirigem, para onde os nosso olhares se voltam...

A missão litúrgica dos A.S.D.

O *temor* e a *glorificação* só atingem o seu real significado na verdadeira *adoração*, que bem pode ser considerada a actividade de maior relevância da igreja. E, se a «adoração reflecte a teologia dos adoradores» (como afirma N. Pease)¹, os adventistas do sétimo dia devem recorrer à sua teologia na compreensão da sua função litúrgica, para que se cumpra a premissa «uma crença, por isso um culto»².

Assim entendida, a adoração é, antes de mais, uma expressão. E concedeu Deus ao homem várias faculdades de traduzir o seu pensamento e o seu sentir: o acto, o gesto, a verbalização e também a linguagem sublime da música.

O lugar da música na vida da igreja será o tema da presente reflexão.

Alguns dos cânticos de homens e mulheres da antiga dispensação fica-

ram registados no canon sagrado para ensino de gerações futuras — o cântico de Moisés (Êxo. 15:1-19), o cântico de Miriam (Êxo. 15:20-21), os cânticos de David e de Salomão (Salmos, Cantares) e de tantos outros, são exemplos vivos da importância que a música teve na liturgia desses tempos remotos.

O Novo Testamento relata que, no fim de instituídos os memoriais da redenção, Cristo e Seus discípulos, antes de Se ausentarem para o Monte das Oliveiras, cantaram um hino, o que demonstra que a música e o cântico continuaram a ser formas de adoração na época cristã.

A visão apocalíptica de adoração futura, praticada diante do trono de Deus pelos 144 000, segundo narra o capítulo 14, ajuda-nos a compreender a componente teológica do culto. Nela encontramos também a presença do cântico acompanhado de música semelhante ao som de harpas³.

Nos três tempos atrás referidos (Antigo Testamento, Novo Testamento, Tempo Futuro) se constata que a liturgia, nomeadamente a música produzida por instrumentos ou verbalizada em cântico, não é uma prática ritualista, sem sentido, sem adequação, sem significado. É antes forma consequente e natural de uma teologia.

Temos, nos dias de hoje, a liturgia mais conveniente à sincera expressão que conduza à adoração verdadeira d'«Aquele que fez os céus, a terra e o mar»? Tem a música o seu real lugar nessa liturgia?

A igreja: vivência litúrgica conseguida

Na falta de capacidade/treino para a criação musical como forma de ex-

pressão da nossa adoração individual, como poderá o crente participar neste louvor litúrgico?

O cântico de Miriam não exprimiu somente a experiência de Miriam: todo o povo podia acompanhar Miriam no cântico, porque ele era a expressão de uma experiência colectiva; os Salmos de David puderam ser cantados por todo o povo e eles se tornaram por meio de poderem exprimir diante de Deus os sentimentos mais profundos de sua alma; cada cântico seleccionado por Cristo e Seus discípulos tinha inserção plena na vivência espiritual da hora, e a palavra, quando proferida, era a expressão viva de fé, o hino que vai ser cantado pelos 144 000 ninguém mais o poderá cantar porque ele relata a expressão de uma experiência que só o grupo viveu na sua vida terrestre ao lado do Cordeiro.

Nestes exemplos nos firmamos para dizer que a música, como componente de importância máxima na liturgia da vida da Igreja, não deve estar desprovida de expressão da parte de todo o que nela se envolve.

Embora o cântico tenha sido da composição de outrem, eu devo associar-me a ele, caldeando-o com a minha própria vivência espiritual de tal modo que, quando o profiro, ele já não é a experiência de outrem mas o meu próprio sentir no acto de adoração.

Assim, toda a música que é seleccionada para o serviço litúrgico de cada Sábado deverá sê-lo em obediência a determinadas regras que tenham em conta as relações entre o acto de culto e a teologia. Isto nos diz E. White em *Testimonies*, vol. 5, p. 491: «Deve haver regras... quando à maneira de adorar».⁴

Deve pois a nossa liturgia ser cuidada, meditada, reflectida, preparada. Nela, nada deveria acontecer nem automaticamente nem casuisticamente. A doxologia, por exemplo, deve ser de tal maneira bem entendida por cada adorador que, repetindo embora o mesmo cântico em cada sábado (como vem acontecendo em grande número de nossas igrejas com o hino n.º 20 ou outro), ele seja sempre a expressão viva da crença e da emoção no desejo de adoração sincera. Se assim não fosse, preferível fora abandonar a repetição.

Dito isto, acreditamos que é dever nosso rever amiudadas vezes a nossa função litúrgica para que, em cada sábado, o povo que se reúne para a adoração exemplifique a premissa atrás referida: «Uma crença, por isso um culto».

A relação existente entre teologia (o que acreditamos) e a liturgia (o que fazemos na hora de culto) deve ser reafirmada segundo os fundamentos de autenticidade bíblica e é o ministério do «Crucificado, exaltado à mão direita de Deus, como o Liturgista do Santuário Celeste» (segundo Peter Brunner), que define a nossa missão litúrgica.

Assim, em cada Sábado, a liturgia, isto é, a forma usada para a adoração, deve manter-nos em relação equilibrada entre o que acontece aqui neste «átrio» terrestre, que é a igreja, e o que está acontecendo no Céu.

De todos os instrumentos, de todas as vozes, deverá ser retirado o melhor louvor que responda ao repto angelical: «Adorai Aquele que fez os céus, a terra e o mar». Quando isto acontecer, haverá na igreja não somente um crescimento quantitativo mas sobretudo e fundamentalmente um crescimento orgânico e qualitativo e a música terá desempenhado o seu verdadeiro objectivo.

Algumas sugestões:

— Reuna a igreja e analise com ela a liturgia que é desenvolvida;

— Informe a igreja sobre os objectivos da liturgia adventista;

— Separe a igreja em escalões etários e deixe que esses escalões façam sugestões no que diz respeito à liturgia a ser desenvolvida;

— Não classifique essas ideias, mas concretize-as;

— Não tente fazer e beneficiar todas as áreas imediatamente;

— Comece talvez pela doxologia propondo um outro hino, além do 20!

NOTAS:

1. NORVAL PEASE, *And Worship Him*. Nashville: Southern Publishing Association, 1967, p. 42.

2. A nossa compreensão teológica de culto encontra a suas raízes, estrutura e pormenorização em Apocalipse 14.

Este capítulo abre com a visão gloriosa dos 144 000 que diante do trono de Deus cantam acompanhados por algo semelhante ao som de harpas.

Como podem eles cantar sob o efeito do temor ao Deus do julgamento universal?

Adorar é confrontar. No acto de adoração do Deus verdadeiro, o crente está em confronto com ideias negativas, preconcebidas sobre a divindade.

É neste confronto que entra em função a liturgia (o que se faz, se diz, quando e como se faz ou diz): a articulação, a definição, a ilustração dessa confrontação.

A função da liturgia é corrigir o acto, em si, da adoração, levando o crente a uma atitude coerente e correcta de adoração. Eis porque a missão litúrgica dos Adventistas do Sétimo Dia se reveste de uma importância única no plano de Deus na actualidade.

Assim e antes de analisar qual o lugar da música na culteologia adventista, devemos rever a nossa função litúrgica.

Os adventistas do sétimo dia ao recorrerem à sua teologia na compreensão de sua função litúrgica deverão considerar o facto de que o povo de Deus, ao partilhar determinado conjunto de crenças, vai ser levado a um e determinado tipo de culto.

Considerando que a Igreja Adventista do Sétimo dia é o único movimento ecuménico existente no plano de Deus para o tempo presente, somos obrigados a abandonar a premissa de um ecumenismo actual, que vê no objectivo a sua causa:

«Um culto, por isso uma crença» e firmemente fundamentarmos:

«uma crença, por isso um culto», no caminhar para o único e verdadeiro movimento ecuménico que cumpre no plano da profecia, com os objectivos de Deus. Isto é concretizar a ordem que nos é dada em Apocalipse 14:7. A Igreja Adventista tem neste contexto a responsabilidade de na sua liturgia salientar a união de um povo que a partir da Bíblia elabora a sua adoração. Definida assim a extensão da

nossa missão ecunémica, resta-nos definir a nossa missão litúrgica.

3. Fazendo parte da nossa essência e identidade teológica, o ministério de Cristo no Santuário Celeste, como nosso Sumo Sacerdote, vai definir a nossa missão litúrgica.

As seguintes palavras de Peter Brunner são para nós, adventistas, uma verdadeira revelação, pela noção que contém e que é, muitas vezes, ignorada na nossa liturgia:

«Quando o N.T. revê o A.T. em retrospectiva, consistentemente adopta o uso linguístico da Septuaginta. *Leitourgia* é o serviço sacrificial executado no tabernáculo (Heb. 9:21), o serviço semanal regular de Zacarias no templo de Jerusalém (Luc. 1:23). *Leitourgein* manifesta a oferta sacrificial diária do sacerdote no A.T. (Heb. 10:11). Mas esta *Leitourgia* e *leitourgein* não encontram uma directiva continuação entre os cristãos na terra. A «continuação» da *leitourgia* do Antigo Testamento tem lugar no céu, numa excelência escatológica, transcendência e perfeição absolutas. *Leitourgia* é o eterno serviço sacerdotal executado pelo Crucificado, exaltado à mão direita de Deus, como o liturgista do Santuário Celeste (Heb. 8:2, 6).» Peter Brunner, *Worship in the name of Jesus*, St. Louis: Concordia, 1968, pp. 14, 15.

O erro teológico/litúrgico da igreja cristã foi a transferência deste conceito sacerdotal do A.T. para o ministro do N.T., em lugar de o transferir para Aquele que no Céu Se torna o supremo e excelente Sumo Sacerdote — encontro do antítipo.

Esta é a verdade teológica que distingue o verdadeiro do falso movimento ecuménico. Reconhecer e proclamar este Cristo e as suas prerrogativas na igreja e no mundo é levar a efeito a nossa missão litúrgica, única.

Assim e recapitulando, aos Sábados de manhã, embora sejam importantes a comunicação e a proclamação, a *liturgia*, ou a forma usada para adoração, deve manter-nos numa relação equilibrada entre o que está acontecendo no Céu e o que se passa nas nossas igrejas. O que implica uma segunda conclusão ao nível do objectivo da nossa reflexão: qualquer tipo ou forma ou execução musical, que em vez de levar o adorador para o Santuário Celeste o mantém nesta terra — admirando o virtuosismo estéril, ou a incapacidade na execução musical que obrigatoriamente envergonhada costuma denominar-se «humilde», os agudos conseguidos, ou os baixos perceptíveis, a letra encalha-

da nos picos das linhas musicais, o ritmo dormente ou a excitação provocadora, ... — é o vitupério da liturgia do verdadeiro adorador do Deus que fez a música, como elemento eterno de expressão natural da admiração e adoração d'Aquele que fez os céus e a terra.

4. E que regras são essas? Eis aqui o pivot da maravilhosa situação do crente diante de Deus.

Essas regras não são estabelecidas pela União, Conferência Geral ou pelo pastor local.

Ao pastor, cabe-lhe instruir os membros quanto às significações do acto de culto, quanto às relações que devem existir entre o seu acto e a sua teologia.

No entanto, é a comunidade local que deve definir essas regras.

Se em certos países, os adventistas preferem adorar Deus durante 3 horas e em África acompanhados pelo rufar dos tambores, enquanto que na Índia uma música com intervalos de 1/4 de tom (arrepian-do a nossa sensibilidade europeia) os envolve numa atmosfera reverencial, essas são características próprias de cada comunidade que devem ser respeitadas e tidas na totalidade da sua implicação litúrgica.

Mas o que dizer sobre a (nossa) liturgia portuguesa?

Eis aqui um vasto domínio aberto à criatividade e inspiração divinas daqueles que neste país elevam os seus corações a Deus todos os Sábados, em adoração.

Isso permitirá:

— A possibilidade de se sentirem **TODOS** implicados neste acto.

— A possibilidade de fazer desse momento da sua vida o melhor momento da sua semana.

Então algo irá certamente acontecer! ... Aqueles que se juntarem a nós sentirão aquela atmosfera que os 144 000 criam na sala do trono, onde com os seus louvores e adoração acompanham a realidade do resgate das mãos de Satanás dos que «temem a Deus e Lhe dão glória».

Então o grande movimento ecuménico que se firma na realidade transcendental para o qual foi designado por Deus: ... e **adorai** aquele que fez...!



«Acaba com isso, João. A oferta já foi levantada há dez minutos!»

CAMPANHA DA EXTENSÃO MISSIONÁRIA GRANDE SEMANA

a realizar em Outubro de 1989

Projecto da Divisão Euro-Africana



La Valeta, capital de Malta

Malta, o sonho de tantos turistas... mas também um dos territórios da nossa Divisão onde as boas novas da salvação em Jesus Cristo ainda não foram proclamadas integralmente.

Malta é um desafio e uma responsabilidade para a Igreja Adventista. Eis porque desejamos empenhar-nos totalmente no projecto da *Campanha de Extensão Missionária*, a fim de obter fundos que possibilitem a concretização da comissão que Jesus nos confiou.

Malta! Perto de 330 000 pessoas habitam a principal ilha de **Malta**, bem como os dois ilheus **Gozo** e **Comino**. São povos anglo-saxões pela língua, cultura e estilo de vida. A autoridade da Igreja Católica Ortodoxa não concede praticamente qualquer hipótese aos dissidentes de exercerem uma actividade religiosa. Apesar das dificuldades, a União Italiana, responsável por este território, tem o seu plano para se aquitar do mandato divino. Eis algumas fases desse plano:

1. «Planos de 5 Dias» e seminários de educação sobre uma vida sã.

2. Envio de um colporteur-evangelista para Malta.
3. Programas radiofónicos especiais em inglês. O emissor local sobre o vulcão Etna está já a funcionar nesta direcção.
4. Um espaço de evangelização que inclui conferências durante alguns meses e graças ao qual se esperam obter contactos com pessoas interessadas.



Barco na Baía de S. Paulo

CAPÍTULO 6

— Breves notas



Baía de S. Paulo. Durante a sua transferência para Roma, o apóstolo Paulo naufragou neste local

O Ir. Paolo Benini, pastor e iniciador do plano, falou com as autoridades de Malta, a quem pôs ao corrente do mesmo. No decurso das suas idas à ilha o Ir. Benini descobriu um casal adventista, com um filho pequeno. Esta família mora em La Valeta, capital de Malta, há mais de doze anos. Foi uma alegria saberem-se alvo do interesse e das orações da igreja, e participarem no plano evangélico dos responsáveis italianos.

Depende de nós, isto é, depende da nossa participação e empenhamento na

cruzada missionária da Grande Semana de 1989, dar corpo a este projecto e dispor dos fundos necessários para a sua completa realização.

Malta, o sonho de tantos turistas... Malta, a concretização da missão que Jesus deu aos Seus filhos: «Vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo» (Apocalipse 14:6).

Ulrich Frikart é departamental dos Ministérios da Igreja da Divisão Euro-Africana

Quanto se tem escrito sobre o Evangelho de João! ¹. Quanto a nós, não nos deteremos tanto nos enigmas que este apresenta à crítica textual, iremos antes tecer algumas considerações sobre o capítulo 6 deste evangelho.

I. INTRODUÇÃO

Para que compreendamos a amplitude do pensamento Joanino acerca de Jesus, detenhamo-nos um pouco na maneira pela qual João se refere a Cristo. Chama-o «Cordeiro de Deus», título que no Novo Testamento somente se encontra no seu evangelho — João 1:29, 36 — o que é significativo! ²

Vejamos o texto — João 1:29 — «Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», à luz de dois aspectos, embora diferentes, mas que são complementares na extensão da teologia Joanina.

A. A Identidade

Ao formular esta primeira frase do versículo que nos ocupa, João proclama a identidade da personagem do profeta Isaías acerca do «Servo de Deus» — cf. Isa 53:7, texto que no livro dos Actos dos Apóstolos — 8:32 — é aplicado sem reservas a Jesus Cristo.

Salta aos olhos a ideia implícita do «Cordeiro Pascal», cujo sangue tinha sido para o Antigo Israel sinónimo de Libertação — cf. Exo. 12:3-13.

B. Missão

Na segunda frase é proclamada a missão da personagem: «Que tira o pecado do mundo». Ao observarmos a frase mais de perto, é curiosa a escolha do verbo AIRÔ em



Reunião de Delegados

Quando da realização da Assembleia da União, não houve tempo para tratar de todos os assuntos que haviam sido propostos pela Assembleia. Assim, ficou resolvido que oportunamente se realizaria a reunião de um grupo de delegados, que levariam a cabo o estudo dessas propostas.

Deste modo, de acordo com a lista publicada na *Revista Adventista* de Agosto-Setembro de 1987, convocamos os seguintes irmãos para se reunirem de 1 a 3 de Dezembro de 1989:

Área Norte: José Silva (Espinho), José Duarte (Braga), Claudino Ribeiro (Matosinhos), Rogério Santos (Viseu)

Área Centro: José M. Costa (Leiria), Fernando Gonçalves (Tomar), Manuel Matos (Aveiro)

Área de Lisboa: Jorge Pires (Ama-

dora), Enoque Pinto (Setúbal), Fernando Godinho (Central), Fernanda Reis (Odivelas)

Área Sul: Vicente Ramalho (Portalegre), Emanuel Sacramento (Faro), Narciso Lopes (V.R. Sto. António)

Ilhas: Dada a dificuldade de deslocar estes Irmãos e dado que em Abril deste ano se realizou já uma assembleia com delegados de todas as ilhas, dispensamos estes Irmãos desta reunião.

Como os Irmãos se lembram, nem todas as igrejas estariam representadas, mas reuniríamos unicamente alguns delegados de cada região. Um mês antes da data proposta enviaremos a agenda dos assuntos a estudar e o lugar da reunião.

J. Morgado

DE S. JOÃO

ILÍDIO N. CARVALHO

detrimento de AFAIREÓ, que significa *unilateralmente*: Tirar — cf. Luc. 1:25; 10:42; Rom. 11:27, etc.

A escolha e opção por AIRÔ é feliz, pois concilia duas acções que o evangelista queria realçar, isto se tivermos em conta o contexto por nós invocado acima, pois dá força e razão de ser à missão do Cordeiro³:

1. Tirar

João 1:29; 2:16; 15:12; 19:15, 38

2. Levantar, carregar

João 8:59 — cf. Mat. 16:24

Assim, compreenderemos a ideia subjacente às palavras escolhidas por João, pois estas são veículos das ideias. Logo, Jesus é verdadeiramente o «Servo de Deus» que em simultâneo *tira* o obstáculo, e que *leva, carrega* o pecado — Mat. 8:17.

II. DESENVOLVIMENTO

Perante o exposto anteriormente, preferimos seguir a sequência dos acontecimentos tal como estes nos são apresentados pelo evangelista:

1. Capítulo 5: Jesus apresenta-Se como sendo o Filho de Deus — declaração que constituirá a base de quanto é apresentado no capítulo seguinte.
2. Capítulo 6: Jesus, o Pão da Vida.

A. Estrutura

O capítulo 6 compreende alguns episódios, a saber:

1. A multiplicação dos pães (1-13).
2. Intenção de proclamar Jesus rei (14, 15).
3. A viagem a Capernaum (16-21).
4. Discurso sobre o Pão da Vida — v. 22-71⁴.

A multidão mostrou a sua incompreensão relativamente ao acto de Je-

sus — a multiplicação dos pães — ao querer coroá-l'O. O pão que Cristo lhes forneceu satisfaz os seus estômagos! Nada mais compreenderam a não ser o imediato, o material, a satisfação de uma necessidade física!

Eis porque no v. 26 Jesus pode dizer aos que assistiram a este espectacular distribuição que eles *não viram o sinal*, não o aperceberam! Ver o *sinal* era compreender e apreender na sua totalidade o acto d'Aquele que João chamou de *Logos*.

Não vê-lo era sinónimo de ignorar que Jesus age como *Logos* — por outros palavras — «(...) quem quer que entre em relações com o *Logos* obtém relações com o próprio Deus vivo.»⁵

No v. 27, Jesus exorta para a procura da única comida durável, isto é, a *única* coisa necessária para transformar o pão profano em pão espiritual. Curiosamente, esta única coisa necessária lembra as palavras de Jesus a Maria (Luc. 10:42), ou seja, crer n'Aquele que Deus enviou.

O pão que Ele dá vem do céu e dá a vida ao mundo — este pão é Ele mesmo, JESUS. O que dá não é tanto o que Ele faz mas aquilo que Ele é. O sinal através do qual Jesus responde ao pedido — cf. v.30 — é a Sua pessoa. Ele entrega-Se, dá o pão que é Ele próprio e o sinal supremo que concede ao homem é a CRUZ.

A questão, para o homem natural, era saber que pão constituía o alimento — o que leva Jesus a proporcionar alimento substancial — a sua PALAVRA, o seu LOGOS, Ele mesmo. E para que não houvesse equívocos, Jesus declara solenemente; «Eu sou o Pão da Vida.» — v. 35.

B. A Mensagem

Perante a anterior declaração, aparecem as surpresas! «Que quererá Este dizer? Gostaríamos de ver o homem que conhecemos possuir o ceptro real.» Rei deste mundo por causa das vantagens políticas e económicas que d'Ele se esperavam! Mas algo de surpreendente se ouve deste Jesus de Nazaré (v. 37-47);

— Descobriram um Rei do outro mundo que, contrariamente ao normal, desenvolve o Seu poder fazendo viver, ressuscitando os mortos! Os reis deste mundo conduzem os que os apoiam ao combate mortífero, levando o homem ao túmulo. Este Rei fará sair do túmulo os súbditos do Seu Rei-

no e os conduzirá à VIDA! Paradoxo!...

Pela segunda vez Jesus afirma aquilo que é: «Eu sou o pão da vida» — v. 48. Aqui Jesus repete a fórmula — «EU SOU» — *Egô Eimi* — para conduzir o discurso noutra direcção — «trazer segurança e clareza para a ameaçadora incerteza da existência».⁶

Esta segurança apoiava-se n'Ele. Eis o elemento do v. 51: «A minha carne» é *verdadeiro* alimento e o «Meu sangue» *verdadeira* bebida! É preciso comê-lo e bebê-lo!

Começa a desenhar-se diante de nós o verdadeiro sentido do discurso de Jesus. Cristo não declarou ser somente o «Pão da Vida», isto é, Aquele que dá continuidade à vida como o pão.

Identidade do crente com Jesus. Viver no passado-presente. É assim que S. Paulo se expressou na qualidade de porta-voz da tradição, pois quer para o «Pão», quer para o «Cálice», utiliza sempre a mesma expressão — «Em memória de mim» — I Cor. 11:24, 25.

«Em memória de mim», ou se quisermos, «Lembra-te de mim». Lembrar-se é tornar o passado presente e actual; o passado e o presente confundem-se! De novo a actuação da fórmula do passado — Êxo. 12:14. — apelo ao «Em memória de», pois encontramos no texto de Paulo a mesma palavra-força — *Anamnêsis* na versão dos LXX. Quando se trata da história da redenção o passado é actual.

Neste recordar o passado, recordá-lo através do instrumento mental facultado ao homem, a MEMÓRIA. Assim, ao recordá-lo, Deus não é mais silêncio para o homem. Ele fala! Aconteceu em Jesus de Nazaré, a PALAVRA.

PALAVRA feita carne e sangue, Palavra pela qual Deus rompeu o silêncio, lembrando que ainda está presente em cada ser humano, pois Ele foi e é a «Nossa Páscoa» — I cor. 5:7 — ...no Calvário.

BIBLIOGRAFIA

1. Cf. Maurice Goguel, *Introduction au Nouveau Testament*, p. 14, vol. II
2. Mário Veloso, *Comentário do Evangelho de João*, p. 55
3. F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, *Léxico do Novo Testamento* — p. 13
4. Mário Veloso, *Op. Cit.*, p. 151
5. J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento* — p. 103.
6. Leonhard Goppelt, *Teologia do Novo Testamento* p. 548, vol. II

Ilídio Carvalho é pastor das igrejas de Espinho e Oliveira de Azeméis

CASCAIS: UM NOVO TEMPLO ADVENTISTA

Manhã clara de Sol, alegria ce-leste no coração, lágrimas nos olhos da esperança, sonhos feitos realidade!

Bem haja o Senhor dos Exér-citos, cujas janelas se abrem de par em par para os filhos Seus.

Honra, glória, louvor e majes-tade Lhe sejam prestadas.

Respeito, silêncio, adoração!

Bem-vindo sejas ó povo de Is-rael à casa do Senhor!..»

Foi com este texto pro-nunciado em tom de decla-mação que se iniciou o pro-grama de dedicação e inau-guração do templo adventis-ta de Cascais. Naquele pre-ciso minuto acabava de se tornar realidade um sonho de gerações. 6 de Maio de 1989, 10 horas da manhã, sala repleta, circuito interno de televisão levando a ima-gem a um sem número de ir-mãos e visitas que quiseram estar presentes.

Na salão do culto, e em profundo silêncio, todos pu-deram apreciar a boa músi-ca ambiente interpretada pe-lo grupo Paz de Setúbal, que durante meia hora foi soltan-do harmoniosas notas que encheram por completo os corações dos ouvintes e o es-paço circundante. Espaço esse de traça original, emoldurado por fogosos vitrais, cujas cores se esbatem no marrom suave da singela mas atraente decoração.

Quanto às individualida-des, estavam presentes os responsáveis da obra adventista em Portugal, respecti-vamente, o Pr. Joaquim

Morgado, presidente da União, Pr. Juvenal Gomes, secretário-Tesoureiro, Pr. José Carlos Costa, Departamental de Jovens e respon-sável pelo acompanhamento da obra da construção, e o pastor local, Manuel Ferro. Da Conferência Geral tive-mos a presença do Pr. Hum-berto Rasi, e entre outros es-tavam na sala o Frei Afonso, arquitecto, autor do pro-jecto, o Sr. Silveira Dargent, presidente da edilidade camarária, e o Dr. José Manuel Tengarrinha.

Apesar do nervosismo, o programa decorreu em bom ritmo, tendo o Ir. Carlos Alberto Lopes apresentado uma retrospectiva da obra adventista em Cascais. Assim, pudemos apreciar o modo como tudo começou e rever alguns dos pastores que lideraram esta igreja em tempos idos. Tivemos tam-bém a oportunidade de acompanhar, através da projecção de diapositivos, todo o processo da construção do templo.

Seguiram-se os agradeci-mentos e os pequenos dis-cursos de improviso, após os quais o João Paulo Reia e o Quim Furtado fizeram ouvir as suas vozes em duas pre-ces cantadas, tendo a manhã culminado com a preleção do pastor Rasi e oração de dedicação do templo.

À tarde, foi a vez dos jo-vens apresentarem os seus dotes, quer de récita poéti-



UM GRITO DE CORAGEM

Filme australiano que narra a odisseia de uma família adventista, em que a mãe, Lindy Chamberlain, é injustamente acusada de ter morto a sua filhinha Azaria.

ca, quer musical. Desfilaram então alguns dos nossos melhores valores que nos apresentaram música sacra com mensagens de profunda consagração. Houve ainda tempo para atribuir os prémios do 1.º Concurso Fotográfico de Cascais.

Terminada a festa, acabava o bulício, calavam-se as vozes, descansava a multidão. Parecia que se tinha chegado ao fim, que a missão estava finalmente cumprida. O último dos apresentadores, com a voz semi-embargada, recusou tal ideia e avivou a memória de todos ao dizer que: «... esta não é a nossa última construção, este não é o objectivo final. Para lá das altaneiras montanhas, para lá do céu que se avista, há um lar, um lar eterno que espera por todos.» E foi através da voz de João Paulo Reia que saímos daquele local com a certeza e o desejo de que «Almejamos o Lar».

Entretanto não se confinou a inauguração deste templo apenas a um programa de Sábado. Já na Sexta-feira antes se tinha realizado uma cerimónia de Santa Ceia e na semana seguinte foram múltiplas as actividades, entre as quais destacamos uma cerimónia baptismal, a festa da terceira idade e como corolário a visita do presidente da Conferência Geral, Pastor Neal Wilson, que fechou assim o ciclo inaugural deste novo Templo, que aguarda por vós na Rua Marquês das Minas, n.º 3, em Cascais.

Aqui ficam os nossos sinceros agradecimentos a todos os que de uma forma, ou de outra, puseram todo o seu coração, o seu tempo e os seus meios na realização deste projecto, que estamos certos, honra o Senhor nosso Deus.

Joel Curado
Igreja de Cascais

Os cinemas de várias cidades, não só em Portugal, mas em todo o mundo, têm em cartaz um filme que conta a história, verdadeira, de uma mãe injustamente acusada e condenada, e como, finalmente, a verdade veio a ser descoberta. O filme representou a Austrália no festival de Canes, onde recebeu o melhor acolhimento. A actriz principal, Meryl Streep, tem no papel de Lindy uma das suas melhores interpretações. A própria Lindy Chamberlain disse que a interpretação está muito próxima da realidade. Aliás, Meryl Streep confessa que os dramas humanos a interessam particularmente e é esse o género de personagens que prefere representar.

Este é de facto um drama cujos traumas só Deus pode ajudar a dissipar. Vejamos o que aconteceu.

Ayers Rock

Na noite de 17 de Agosto de 1980, Michael e Lindy Chamberlain acampavam em Ayers Rock, imenso rochedo em forma de mesa. Ayers Rock é um dos locais mais visitados na Austrália. Enquanto Lindy falava com um casal de turistas, viu um cão selvagem sair da sua tenda. Tinha acabado de deitar a sua filhinha Azaria, de 10 semanas. O bebé desapareceu. As buscas começaram imediatamente. O corpo da criança nunca chegou a ser encontrado. A prin-

cípio, a justiça reconheceu o ocorrido e para tranquilizar os turistas, alguns cães selvagens foram abatidos naquelas redondezas. No entanto, uma viva polémica, excitada pela imprensa sensacionalista, desenvolveu-se por todo o país. Rumores sobre uma morte ritual foram espalhados. Azaria significaria: «sacrifício no deserto». O que é evidentemente falso. Lindy e Michael reagiram mostrando o seu desagrado ao lerem os primeiros artigos que faziam eco dos rumores. As redes de televisão passaram centenas de vezes as mesmas imagens cheias de uma conotação negativa.

Novo pesadelo

Para os Chamberlains um novo pesadelo iria começar. Investigação. Pressão terrível por parte da imprensa. Helicópteros da televisão sobrevoavam a sua casa. Os mais pequenos feitos, gestos e declarações eram mal interpretados, deformados. Lindy aparecia como uma personagem complexa, não manifestando ou demonstrando poucas emoções. As suas aparições na televisão suscitavam agressões incrivelmente agressivas.

Novo processo. A ausência do cadáver, móbil e provas proporcionaram campo livre para especulações. As paixões apoderavam-se da razão. Michael era um pastor da Igreja Adventista. Uma minoria, to-

davia relativamente conhecida na Austrália, onde conta com mais de 400.000 membros, com uma rede de escolas primárias e secundárias, uma universidade, hospitais de renome. Os adventistas australianos envolvem-se muito nas obras sociais e médicas. Pouco importa, quando se trata de uma minoria, há sempre suspeita.

Michael, como muitos dos seus colegas do mundo inteiro, organizava planos de cinco dias para deixar de fumar. Como eles, utilizava uma caixa que se assemelhava a um caixão, na qual os fumadores deitavam os cigarros. Como os seus colegas, também ele tinha a seguinte frase: «Deitai aqui os vossos cigarros antes que eles vos sepultem.»

O filme descreve bem a reacção dos policiares quando descobriram a caixa na garagem. Para eles tratava-se dum indício algo suspeito.

Eis como um homem que consagrava a sua vida ao bem dos seus semelhantes é dado como suspeito e cúmplice do pior dos crimes: a morte da sua própria filha!

Os meios de comunicação

Sexta-feira 29 de Outubro de 1982, em Darwin, o incrível acontece. Lindy Chamberlain é dada como culpada da morte de sua filhinha Azaria. O juiz que presidia os debates, pronunciou-se claramente por um veredicto de

não culpada. Em vão. Os meios de informação e a opinião pública tinham dado o seu veredicto antes mesmo da abertura do processo. Após seis horas de deliberações a sentença caiu como o golpe de uma guilhotina: condenação perpétua a trabalhos forçados.

Este é o momento mais comovedor do filme. Lindy entra na sua cela, seguida de Michael, completamente desfeita. Aos seus advogados que a amparam, grita: «E vocês, acreditam na minha inocência?». Até mesmo o espectador pôde seguir este drama como observador. Mas a partir deste momento torna-se testemunha de uma terrível injustiça. Uma injustiça de que poderemos vir a ser vítimas: «E se algo semelhante nos acontecesse?» Os actores que representam Lindy e Michael, isto é, Meryl Streep e Sam Neil, estão desconcertados com a realidade. Como foi possível que uma coisa destas acontecesse?

Será necessário ser-se igual a todos os outros?

Para estar ao abrigo de uma tal injustiça, será necessário parecer-se com todos os outros, fazer como toda a gente faz? Numa tal situação, ameaçadora, que escolher? As minorias ou a liberdade? Como é possível que num país democrático, um tal menosprezo pela justiça possa acontecer? A quem quis julgar a sociedade australiana? Porque precisou de um bode expiatório?

Interrogada sobre este assunto, Meryl Streep respondeu:

«A intolerância e a beatice são as responsáveis por este drama.»

Foi para os censurar que aceitou rodar este filme.

Na prisão, Lindy deu à luz uma menina, Kahlia. Como o lugar não era apropriado para a educação de uma criança, tiraram-lhe a menina.

Durante o tempo em que esteve presa, Lindy recebeu cartas insultuosas, mas, por outro lado, aprendeu também o valor da amizade, pois os seus amigos organizaram-se. Conferências, pedidos, 100.000 assinaturas foram recolhidas em seu favor, 31 especialistas em matéria jurídica assinaram uma carta aberta na qual denunciavam o pouco crédito do parecer dos peritos, mas em vão.

Golpe de teatro em Ayers Rock

Domingo, 2 de Fevereiro de 1986, a polícia de Ayers Rock, ao procurar o corpo de um alpinista que havia caído de um rochedo, encontra uma roupinha de bebé parcialmente enterrada. Encontravam-se a cerca de 800 metros do local de onde Azaria Chamberlain tinha desaparecido. Descoberta de uma enorme importância, pois que Lindy sempre falava da roupa que sua filhinha usava no momento em que tinha desaparecido. Ela punha algumas dúvidas na falta da saliva animal nas roupas descobertas após o drama.

Feliz coincidência para uns, milagre para outros. Quando Lindy reencontrou a sua família, estava ao mesmo tempo feliz e perplexa. Feliz porque a justiça acabou por triunfar. Pensativa porque apesar da ausência de provas, foi necessário esta última descoberta para que uma mãe inocente acusada da morte de sua filha fosse finalmente liberta.

A inocência é importante para os inocentes

«Porque é que continuou a

lutar?» perguntou um jornalista a Michael após a libertação de Lindy. O filme dá a resposta: «Porque verifiquei como a inocência era importante para os inocentes.»

O mérito dos produtores e artistas deste filme está no facto de o terem rodado antes de a inocência de Lindy ter sido reconhecida.

Deveria, pois, ser visto como um grito em favor da Verdade e da Justiça.

O histórico dia 15 de Setembro

Nunca esquecerei o dia 15 de Setembro em Londres, quando o meu colega australiano, amigo dos Chamberlain, me leu o telex. «Lindy acada de ser dada como inocente», disse-me ele. Tenho este telex na minha frente. Ainda hoje, leio com emoção estas palavras: «Today's ruling expunges completely the criminal record.» Os três juizes do Supremo Tribunal de «Northern Territory» reconheceram que as acusações e julgamento precedentes tinham constituído «um erro de justiça, que teria de ser reparado.»

Para além do trágico acontecimento, o filme mostra, no dizer de Richard Schickel, como o jornalismo sensacionalista, que está sempre à procura de imagens simples, alimenta no espírito das pessoas a sua necessidade de ideias esquemáticas». (*Time*, 14 de Novembro de 1988). O trato rápido e mercantil da informação, a sua interpretação espectacular e a sua carga emocional são, infelizmente, práticas correntes hoje em dia. Mas é bom reconhecer que no caso Chamberlain os órgãos de informação contribuíram igualmente para o retorno à

situação. Eis porque aquele que ama a verdade deverá lutar sempre. Não só pelo seu caso, mas pelo de todas as vítimas da injustiça. Sem o apoio de fiéis amigos, de simpatizantes, sem fé em Deus, teriam Lindy e Michael Chamberlain forças para lutarem até ao fim?

Cada combate para salvar um inocente, seja qual for a sua cor ou religião, é uma luta pela justiça e pela verdade. É também uma luta por si próprio, a fim de permanecer fiel aos valores em que cremos, à imagem que temos de nós mesmos.

Um filme verdadeiro e sério

Ainda algumas considerações antes de terminar. Este filme é inspirado no livro de John Bryson, *Evil Angels*, um «best-seller» que muito contribuiu para a mudança da opinião pública.

Notemos igualmente a apresentação correcta da Igreja Adventista, o ritmo lento do começo que nos leva a crer que as coisas não podem mudar o drama, o jogo austero de Meryl Streep, a sua recusa em utilizar o registo emocional como argumento de persuasão seguindo fielmente as reacções da sua personagem. Uma personagem que não procura ganhar as simpatias do público para convencer.

Ah! uma última observação. Uma causa torna-se bela quando se tem o talento de Meryl Streep.

John Graz é Director de Comunicações da Divisão Euro-Africana

Tradução de Graça Esteves
